



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76
Recredenciamento pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016



PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

XXIII SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS SEMANA NACIONAL DE CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA - 2020

O BULLYING NA ESCOLA FRENTE A ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA: A PERCEPÇÃO DOCENTE

Jislaine Ribeiro Carneiro¹; Maria José Oliveira Duboc²

1. Bolsista PROBIC/CNPq, Graduando em Pedagogia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: carneirojis123@gmail.com
2. Orientadora, Departamento de Educação, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: mariaduboc2016@gmail.com

PALAVRAS-CHAVE: bullying; deficiência; docente.

INTRODUÇÃO:

O presente trabalho teve como objetivo geral analisar a percepção docente frente ao bullying contra estudantes com deficiência e, como objetivos específicos: discutir a ocorrência de *bullying* na sala de aula em relação à estudantes com deficiência, considerando os comportamentos agressivos e de vitimização, identificar as intervenções feitas pelo professor em relação ao bullying contra as pessoas com deficiência; descrever os limites e as possibilidades das intervenções feitas pelo professor em relação ao bullying contra as pessoas com deficiência.

Vivemos em uma sociedade conflitiva que provoca a violência encontrada nas instituições sociais que através das hierarquias, conforme nos ensina Adorno (1995), têm como uma de suas expressões o padrão da normalidade, que subjuga todos aqueles que diferem do padrão estabelecido. É com base neste parâmetro que as pessoas com deficiência, historicamente, sofreram e sofrem práticas de exclusão e são julgadas como incapazes, inclusive intelectualmente, como afirma Omote (1990). Decorre daí, a exclusão desses sujeitos que se tornam alvos privilegiados da violência que pode se manifestar em forma de bullying nas instituições sociais e inclusive nas escolas.

Por tais motivos, se fazem necessários estudos sobre a violência que ocorre na escola e, com base nesse entendimento, que se insere o presente trabalho, que ao buscar compreender as manifestações de violência na escola através do bullying contra os estudantes com deficiência, pretende dar visibilidade a situação adversa que enfrenta estes estudantes e contribuir com práticas pedagógicas mais inclusivas.

METODOLOGIA:

A pesquisa foi de base qualitativa, do tipo estudo de caso, levando em consideração a temática a ser pesquisada. Como instrumento metodológico foi utilizado a entrevista com três professoras das

disciplinas: Educação Física, Artes e Português de uma escola Pública da cidade de Feira de Santana, que foi escolhida de forma aleatória.

RESULTADOS:

Através dos dados chegamos as seguintes categorias de análise: a compreensão docente acerca do bullying; a manifestação do bullying contra os alunos com deficiência; intervenções feitas em relação ao bullying contra os alunos com deficiência.

Com relação a compreensão docente destacamos o entendimento das professoras:

Acho que bullying é uma atitude equivocada, opiniões equivocadas, sobre o que é normal, o que não seja normal, no sentido de ofender e diminuir, constranger. E quem faz se sente melhor, como uma forma de autoafirmação (PA).

O depoimento vai ao encontro do que afirma Crochick (2015, p. 40) de que o bullying “revela uma prática de poder sobre quem supostamente não pode reagir, tal prática revela a necessidade de poder sobre o mais frágil” ou seja, os agressores visam afirmar o poder interpessoal em relação a vítima.

Essa prática é realizada por diferentes comportamentos hostis, físicos, psicológicos, verbais, assim como explica outra professora que afirma:

É uma forma de agressão, tem os agressores os espectadores e a vítima. Pode ser psíquico, físico (PLP).

O depoimento revela os distintos papéis no ato do bullying, que de acordo com Antunes e Zuin (2008), há os intimidadores (líderes e seguidores), vítimas (os que sofrem a violência) e os não participantes (aqueles que apenas observam e reforçam a agressão).

Em se tratando das características dos agressores, foi mencionado: “Os mais agitados, não gostam de estudar” (PLP). Sobre isso é válido lembrar Adorno (1995) acerca das hierarquias presentes na escola, que classificam os alunos segundo o desempenho escolar, expressão das hierarquias sociais que favorece a hierarquia corporal e pode colocar os que têm bom desempenho escolar a serem desprezados por aqueles que não tem êxito na escola.

Em relação a manifestação do bullying contra alunos com deficiência, constatamos o que Amaral (1988, p.16) chamou de visão “generosa” do trato com a deficiência.

Aqui os meninos respeitam os alunos com deficiência (PLP).

Aparentemente os alunos são bem recebidos, no entanto, ao decorrer da entrevista notamos exemplos que revelavam práticas recorrentes do bullying:

Na escola tem um caso de nanismo no qual o ano passado a menina era bem excluída do contexto das aulas de Educação Física porque ela não tinha o padrão de altura considerado como padrão normal, e aí os alunos queriam excluir ela das atividades (PEF).

Crochík et al. (2013), em uma pesquisa em escolas da cidade de São Paulo, constatou que os alunos considerados em situação de inclusão, não deixam de ser segregados ou marginalizados, ainda que aceitos pelos colegas. Ou seja, eles são vítimas do bullying, manifestado pela falta de aceitação das diferenças, conforme modelo construído socialmente que servem como parâmetros para os indivíduos se enquadrarem e aqueles que não correspondem a esse padrão são vítimas de preconceito, violência e bullying.

Sobre as intervenções feitas contra os alunos com deficiência as professoras apontam que o essencial é o envolvimento familiar e conscientização:

O nosso maior problema do meu ponto de vista, é a questão da conscientização, é um trabalho de formiguinha, que não deve ser feito em apenas uma disciplina, em apenas uma série, é um trabalho que deve ser começado desde casa, no ambiente familiar, é a questão do trabalho com o bullying a escola é apenas um complemento, e a parte familiar tem deixado a desejar.. (PEF).

Eu acho que o principal é educação familiar, é a instrução na família em casa mesmo..Muitas vezes a família nem permite que a gente fale algumas coisas, a gente é considerado intrometido”(PA)

A respeito da fala da PA ao ressaltar que muitas vezes a família não permite que os professores façam intervenções, Adorno (1995) chama atenção para a visão que as demais instituições têm do professor, eles são malvistas pois “impõem a domesticação nos alunos”, isto é, trabalham para conscientizá-los, algo que as demais instituições se recusam a fazer.

A intervenção é um elemento fundamental no combate a prática do bullying, ela possibilita que os agressores se conscientizem e assumam a sua responsabilidade. O combate ao bullying entretanto, não pode se tornar limitado a escola, mas todo o sistema social deve dar atenção a violência praticada contra os indivíduos no sentido de combatê-la

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Verificamos que as professoras que participaram da pesquisa compreendem que o bullying está relacionado com o poder que alguém, o agressor, acredita que tem em relação a vítima. Também enfatizaram que os agressores geralmente são os estudantes que faltam muito e tem baixo desempenho escolar, o que pode colocar os alunos com bom desempenho a ser desprezados e sofrer bullying, conforme as hierarquias escolares como nos ensina Adorno (1995).

A respeito da ocorrência do *bullying* na sala de aula em relação aos estudantes com deficiência, observamos que há uma “generosidade” no trato com a deficiência, mas, apesar destes alunos serem bem recebidos por alguns colegas, isso não impede se tornarem vítimas do bullying, manifestado pela falta de aceitação as diferenças, conforme o padrão da normalidade vigente.

Tratando-se das intervenções feitas pelas professoras em relação ao bullying contra os alunos com deficiência, notamos que o mecanismo utilizado é a conversa. Acreditam que a família tem um papel fundamental embora estas não tenham exercido este papel adequadamente, ficando a cargo docente essa incumbência. Por isso, os docentes são malvistas pelas demais instituições, pois trabalham na conscientização dos estudantes, como explica Adorno (1995) “impõem a domesticação nos alunos.”

Não se pode fechar os olhos ao bullying presente na escola, mergulhado no desrespeito a diferença. Por conseguinte, as professoras não são indiferentes a esta realidade, de modo que procuram conversar com os alunos quando o bullying ocorre na sala e cobram a responsabilidade da família que não têm exercido adequadamente o seu papel.

Ao reconhecerem este fato se constitui um bom motivo para a busca de mecanismos para combatê-lo, o que não pode ser algo isolado e episódico. Para tanto, a escola carece ter uma posição explícita no enfrentamento deste problema, através do envolvimento dos seus atores que inclui professores, alunos, gestores, enfim, todo o coletivo escolar que junto com as famílias e outros segmentos sociais devem implementar medidas que venham fortalecer o trabalho que já vem sendo desenvolvido por alguns de forma isolada.

REFERÊNCIAS:

ADORNO. **Educação e Emancipação**. Tradução de W.L. Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

AMARAL, L. A. **Sobre crocodilos e avestruzes**: falando de diferenças físicas, preconceitos e sua superação. São Paulo, Summus, 1988, 11-30.

ANTUNES, D. C. ZUIN, A. A. S. Do bullying ao preconceito: os desafios da barbárie à educação. **Psicologia & Sociedade**, São Carlos, 2008.

CROCHÍK, J. L. et al. **Inclusão e discriminação na educação escolar**. Campinas: Alínea Editora, 2013.

CROCHÍK, J. L. Formas de violência escolar preconceito e bullying. **Movimento revista de educação**. 2015.

OMOTE, S. Aparência e competência em educação especial. **Temas em Educação Especial**. São Carlos, 1990